

ARQUEOLOGIA E POESIA: DOIS DEPOIMENTOS SOBRE A OBRA POÉTICA DE VÍTOR OLIVEIRA JORGE

I O LITOGRAMA POÉTICO*

por

Luís Adriano Carlos**

*Estrangeira Terra Litoral*¹ apresenta-se, nas palavras do seu autor, Vítor Oliveira Jorge, como uma “reescrita substancial” do livro *Trinta e Nove Poemas Litorais*, de 1973, produzida recentemente durante cerca de dois anos. O que do ponto de vista crítico importa sublinhar face a este círculo genético é menos o acto de revisitação, passadas duas décadas de deriva e amadurecimento, do que as suas implicações poéticas, numa obra que desde aquela data vem encontrando na recorrência obsessiva de inquietações existenciais, complexos temáticos e processos retóricos um dos seus mais fortes motivos de atracção. A experiência poética, no seu sentido denso de trabalho criador, afirma-se assim no limite de dois modos de ser, o do Poeta e o do Arqueólogo, que, ligados por uma relação de alteridade fundamental, acabam por confluír num mesmo espaço de possibilidades: o poema é concebido como palimpsesto em movimento contínuo de subversão e a escrita revela-se como vivência, sucessiva ou aleatória, da leitura e da rasura, da reinscrição e da metamorfose paragramática.

É dentro deste contexto, ou desta atmosfera impregnada de resíduos e poeiras, que a poética de Vítor Oliveira Jorge, autodenominada “poética dos lugares” no livro de 1980 *Sem Outra Protecção Contra a Noite* (p. 37), procura tornar habitável, ou simplesmente respirável, essa “terra estrangeira litoral” onde o lugar se confunde com o não-lugar da ausência e a corporalidade do ser se confina à indeterminável espacialidade dos limites virtualmente múltiplos e nulos que traçam a fronteira entre a pedra infinita das areias e a língua incessante do mar.

Assim posicionado numa topologia negativa que de poema a poema ameaça converter-se numa espécie de ponto ínfimo por onde passa toda a luz visível e invisível, o sujeito poético adquire um estatuto de observador não apenas arqueológico mas sobretudo fenomenológico, visando a cada instante e em cada imagem a expressão nítida de uma consciência contemporânea, digamos panóptica, dos sedimentos que estruturam o horizonte interno das coisas e dos seres no seu fluxo temporal. São muito frequentes as imagens da

* Texto de apresentação pública do livro – Faculdade de Letras do Porto, 24 de Maio de 1996.

** Professor da Faculdade de Letras do Porto.

¹ Vítor Oliveira Jorge, *Estrangeira Terra Litoral*, Porto, FLUP, Col. “Poetas de Letras”, 100 págs.

navegação regressiva que conduz a consciência cambiante do sujeito, ora cognitiva, ora visionária, mas sempre semiológica no seu movimento interpretativo de sinais e vestígios, até lugares atópicos que afinal topicalizam o encontro originário com a centelha cosmogónica, o “silêncio/anterior a todos os silêncios” (p. 18), “a face do oceano primordial” (p. 41), “a manhã do mundo” (p. 30), a “praia inicial” (p. 10) e “a palavra primeira” (p. 34) emergente do fundo informe de um sentido nunca antes nomeado.

Temos aqui claramente um tópico característico da modernidade, que transpõe por via analógica o acto cosmogónico para o interior do acto poético e instaura o simulacro de uma espécie de poetogonia. Mas esta transposição reveste-se de vários aspectos originais, na medida em que prolonga uma linha de desenvolvimento temático e cenográfico, já patente em numerosos poemas anteriores, cuja marca distintiva consiste numa consciência simultânea poeticamente expressa de vários planos de apreensão que excede o círculo tradicional da mecânica dicotómica mediante a combinatória fluida da observação física imediata, da sondagem metafísica imanentista, do analitismo geológico representado como genealogia da terra e da decifração a um tempo arqueológica e semiológica dos “sinais gravados na pedra” (p. 52), tudo isto retroprojectado passo a passo na metáfora de uma corporalidade textual que é o seu centro geométrico e a periferia dos seus efeitos.

Em última instância, o poeta retoma o tópico do mundo como livro, este mundo que “se tornou num enorme/palimpsesto indecifrável” (p. 35) e que outro livro, este mesmo livro, empreende decifrar segundo os códigos privados de que dispõe. O mundo é lido como texto; e o texto é constituído como metáfora do mundo, na sua estrutura inteira e na sua fractalidade, na sua cadência regular e na sua arritmia profunda, nos seus segredos e nas suas lâminas, na sua pele porosa e na sua orgânica interna, nos seus “espasmos geológicos” (p. 35) e no seu rosto inverso que se ilumina de infinito. O texto representa não só o *topos* de uma subjectividade em processo de objectivação nas imagens do mundo mas também um limite que se apaga no enlace intersubjectivo de um intermundo contínuo onde o desejo e a partilha permitem aspirar a um mais alto grau de conhecimento: “risca sobre o já escrito — exorta o poeta —, / junta-te ao coro dos que por aí passaram / e deixaram um sinal” (p. 34). A escrita é figurada sob o signo da duplicação amplificante, da reescrita, de um *excesso de texto* que transborda para lá do limite e se propaga a todos os braços inscritos e ex-critos, ou excretos, conferindo-lhes um sentido unificador na lógica dispersiva que os dissemina pela rede imensa dos sinais do tempo. O texto é o lugar do infigurável, a sua figura volátil.

Por outro lado, o texto é também o não-lugar onde repousa a pedra de todos os sinais secretos. No circuito das imagens que estruturam este livro, e o mesmo vale para outros títulos do autor, salienta-se com grande evidência a imagética da pedra e toda a corrente metonímica derivada, que por vezes desperta memórias de outros poemas, por exemplo de um João Cabral de Melo Neto ou de um Luís Veiga Leitão, mas que se implica numa problemática muito diversa, de que por certo o Outro-Arqueólogo não está isento. O poeta escreve sobre o papel como se riscasse uma pele de um corpo estampado na pedra, isto é, escreve como se cada letra fosse um *litograma* em expansão: “a minha pele / tem o mesmo tacto da pedra, / as mesmas rugosidades, / as mesmas veias” (pp. 32-3). A retórica da pele consiste, afinal, numa erótica da pedra, sempre visando atingir o núcleo mais fundo de uma vibração térmica (“aquilo que verdadeiramente importa / é encontrarmos uma pedra / que tenha concentrado algum calor” (p. 39) ou, significativamente, de uma gruta supraglótica, lugar/não-lugar onde tudo — a língua, o desejo, o corpo, o imaginário — se funde e precipita pelo “som das estalagmites / que se formam / no nosso palato” (p. 7).

Ler este livro é ler isto — mas é também “ver / tudo o que sobra” (p. 20). Isto e o

que sobra vem dito num tom predominantemente discursivo, intermitentemente interrogativo e meditativo, não raro perturbado por uma inquietação existencial que ganha tradução retórica em sequências variáveis de adensamento metafórico ou elíptico, mescladas de súbitos enovelamentos sintáticos, fragmentos contrapontísticos e manobras interseccionistas, aproveitando o que de mais refinado encontramos em *Intersecções* (1978), *Sem Outra Protecção Contra a Noite* (1980) e *Os Ardis da Imagem* (1989). Consciente de que o ofício de poeta tem qualquer coisa de “artesão de frases” (p. 25), Vítor Oliveira Jorge, com aquela “espécie de rudeza” de que falava Matias Aires, não deixa de inscrever pelos seus poemas, envolta num manto de ironia pelo menos nos seus efeitos, uma crítica retórica à retórica da imagem que por excesso transforma a poesia em mera arte de prestidigitação: “juntei / apressadamente / os instrumentos da prestidigitação / e fugi / perdendo peças / irrecuperáveis” (p. 27). Ele sabe falar a pedra, mas também sabe o risco de a palavra petrificar por fora e gelar por dentro: “põe na minha mão uma estrela / acabada de chegar, cega-me / para que a imagem / da noite eterna me rodeie” (p. 25). Este é o mais perfeito dos ardis da imagem para acender a escuridão da pedra.

